



Tradução de LUIZA THOMAZ  
Ilustração de SHAUN TAN

TORDESILHAS  
Rio de Janeiro, 2024

# Sumário

O divórcio da gata branca	1
Príncipe Gorro no submundo	29
A estrada branca	71
A menina que não conhecia o medo	97
O jogo de Quebra e Resgate	117
A Dama e a raposa	135
O Véu de Skinder	165
Agradecimentos	213
Sobre a autora	215



# O divórcio da gata branca

*(A gata branca)*





Todas as histórias sobre divórcio precisam começar em algum outro momento, então começemos com um homem tão rico que, bastando estender a mão, podia ter quase tudo que queria, além de muitas coisas que não queria. Era dono de tantas casas que nem seus contadores conseguiam manter-se a par de todas. Possuía aviões particulares e jornais, além de políticos que faziam seus desejos tornarem-se leis. Tinha pomares, ilhas, times de beisebol e até uma equipe de entomologistas cuja missão era encontrar novas espécies de besouro, que receberiam variações do nome do milionário. (Pois, se é verdade que Deus ama os besouros, não amaria ainda mais o homem rico? A boa sorte que ele tinha não era prova disso?)

O homem tinha tudo isso e mais do que tenho espaço aqui para descrever. Tudo que você já teve na vida, saiba que ele também já possuiu. E, caso contrário, poderia ter lhe pago o preço que fosse para obter.

Todos os homens querem ser ricos; nenhum quer envelhecer. Para combater a idade, o milionário pagava *personal trainers*, próteses de joelho e procedimentos estéticos que mantinham seus olhos permanentemente um pouco arregalados, como se não fosse um homem de setenta anos, mas ainda uma criança que encarava a vida como uma enxurrada de eventos maravilhosos e surpreendentes. Ele fazia transplantes capilares e usava cremes especiais para eliminar os lentigos solares. No jantar, seus *chefs* particulares serviam peixe, frutas vermelhas e nozes, como se ele fosse um urso em vez de um homem rico. Toda manhã, nadava três quilômetros em um lago que, graças a um mecanismo engenhoso, era mantido com temperatura agradável o ano todo. À tarde, ele recebia transfusões de sangue de doadores adolescentes, condição para estes receberem bolsas de estudo oferecidas pelo milionário em várias universidades. À noite, dava grandes festas, cercandose de pessoas jovens e belas. Quanto mais velho ficava, mais novas eram suas esposas, e assim, por um tempo, ele conseguiu se convencer de que era, também, ainda jovem, e de que assim continuaria para sempre.

Porém, embora um homem possa conseguir esposas cada vez mais jovens e belas para manter a farsa de também não ter sido alcançado ainda pela velhice, o milionário, havia muito tempo, teve uma primeira esposa, e essa esposa gerou três filhos. Os filhos, criados com todas as regalias por babás, tutores, terapeutas e *coaches* de vida pagos para seguirem os melhores preceitos de educação infantil, eram atraentes, gentis e, em todos os aspectos, o tipo de filho do qual qualquer pai teria orgulho. No entanto, o homem rico não os via com orgulho. Em vez disso, olhava para os seus três filhos, o mais novo agora com dezenove anos, e via apenas a prova de sua própria mortalidade. É difícil permanecer jovem quando seus filhos, egoístas, insistem em crescer.

Para piorar, todos os filhos estavam morando na casa onde o milionário passava o inverno. O mais velho estava no meio de um divórcio difícil (seu primeiro), o segundo se escondia na mídia e o terceiro não tinha um bom motivo, exceto o amor verdadeiro que sentia pelo pai e o desejo de que ele o aprovasse. (Isso e o fato de ter sido jubilado na universidade.) Aonde quer que o homem rico fosse, tropeçava em um filho.

À noite, ele passou a ser visitado por um determinado sonho. Nesse sonho, a primeira coisa que o incomodava era a ideia de que tinha um quarto filho. E, no sonho, assim que tinha essa ideia, tomava consciência de que esse quarto filho estava também hospedado na casa. Embora, pela manhã, o milionário nunca conseguisse se lembrar da aparência dessa criança — Era grande ou pequena? Esguia e alta ou tão enorme que tapava os arredores? Como soava sua voz? —, sabia que esse último rebento era a Morte. No sonho, ele oferecia à sua filha Morte tudo o que tinha em troca de mais vida, mas nada que o homem rico pudesse oferecer interessava a Morte. A Morte desejava apenas a companhia de seu pai.

Em algumas noites, o milionário tinha esse sonho três, quatro vezes seguidas. Durante o dia, passou a odiar ver seus filhos.

Por fim, perplexo, ele buscou a ajuda de seus assistentes para resolver o problema dos filhos, e antes do fim da semana um plano muito elegante foi posto em prática. O homem rico, seguindo o planejado, convocou seus três filhos. Após abraçar cada um com carinho e conversar com eles sobre as notícias do dia e sobre as fundações e conselhos dos quais os três eram nominalmente líderes, ele disse:

– Meus filhos, embora seja verdade que estou no meu auge, e embora eu saiba que é duro para vocês pensar nisso, chegará o dia no qual eu me aposentarei para me dedicar a algum hobby na vida privada, como plantar orquídeas, caçar os animais mais perigosos do mundo ou enviar embarcações não tripuladas em direção ao Sol só para ver o que acontece. E, embora ainda demore, estamos cada vez mais próximos do dia no qual um time de especialistas em criogenia congelará meu corpo e o de minha atual esposa até a medicina avançar o suficiente para me ressuscitar em um futuro infernal e desconhecido, em um corpo que possa satisfazer, simultaneamente, mais de três mulheres, ao mesmo tempo em que luta contra lagartos mutantes apocalípticos e conquista o que quer que reste da Bolsa de Valores de Nova York.

Os filhos trocaram olhares uns com os outros, e o mais novo disse:

– Meu querido pai, parece impossível para nós que você algum dia tenha menos vitalidade do que tem neste instante.

O homem rico continuou:

– Todavia, chegará um momento no qual tudo mudará. E, quando penso no futuro, há duas coisas que desejo mais do que todo o resto. Uma é escolher meu herdeiro. Meu segundo desejo é ter uma companhia que me conforte nos anos do meu declínio.

O filho mais velho indagou:

– Perdoe-me, meu pai, mas está nos dizendo que pretende se casar novamente?

O milionário respondeu:

– Não, não! Alyssa e eu somos muito felizes. O que eu quero é apenas um cachorro. O menor, mais sedoso, obediente e amigável cãozinho que um homem já teve. Decidi dar a vocês, meus filhos, essa tarefa. Terão um ano e um dia para vasculhar o planeta em busca de tal animal, e no fim desse período, aquele entre vocês que o encontrar herdará tudo o que eu tenho.

– Mas, pai – disse o segundo filho –, cães fazem o senhor espirrar. Por isso nunca pudemos tê-los como bichinhos de estimação.

– O cãozinho mais amigável e hipoalergênico – insistiu o milionário, com firmeza.

Os assistentes haviam comentado que, se os filhos do homem rico fossem mandados para longe, pareceria que nunca haviam nascido. Após o patrão vetar o filicídio, devido a seu bom coração, os assistentes formularam aquela missão: uma espécie de experimento beta para ver se a qualidade de vida do milionário melhorava sem os filhos por perto.

Os três filhos do homem rico concordaram, por fim, em fazer o que o pai lhes pedira. O mais velho disse:

– Nosso pai acumulou tanto dinheiro que, mesmo ele escolhendo só um de nós como sucessor, os outros dois nunca passarão necessidade.

O filho do meio acrescentou:

– É possível que nosso pai esteja sofrendo de demência, mas ao menos seu pedido, apesar de bizarro, é inofensivo.

E o caçula concluiu:

– Não é como se eu tivesse algo melhor pra fazer.

Os filhos despediram-se uns dos outros, concordando que, não importava qual trouxesse para casa o cachorro mais adorável, os outros dois levariam tudo na esportiva.

Os dois filhos mais velhos viveram muitas aventuras no ano seguinte, mas é do mais novo que trataremos. Por ter noções idealizadas sobre a América do Norte e suas estradas, ele pegou emprestado o conversível vermelho-cereja do pai e partiu com um exemplar antigo de Kerouac e uma sacolinha de petiscos para cães. Não tinha um destino específico em mente — na verdade, sem perceber, comportou-se como fazia quando jogava *video game*: explorando com prazer novos ambientes e vendo o que tinham a oferecer. Visitou *pet shops* em centros de conveniência de bairros residenciais, abrigos de animais, eventos de cães e canicultores de todas as raças. Assim, nas primeiras três semanas de sua jornada, encontrou muitos cachorros maravilhosos, e várias vezes foi embora com um filhote ainda mais amável e adorável do que os que encontrara antes. Com o tempo, já que o conversível era pequeno demais para levar todos os cachorros, ele comprou uma motocicleta velha e contratou um marceneiro para mobiliá-la com nichos, de forma

que cada cachorro tivesse seu cantinho. O conversível seguiu preso atrás, com um engate de reboque. Na motocasa, ele dormia em paradas na estrada e em acampamentos, e enquanto viajava, postava atualizações no Facebook, em seguida checando, várias vezes, se o pai as havia curtido.

No fim do primeiro mês, o filho caçula do milionário estava no sopé das Montanhas Rochosas, onde, reza a lenda, havia um dono de canil que conseguira cruzar raposas-do-deserto com mini-cocker spaniels. Ele pagou uma pequena fortuna por um filhote vermelho de pelo aveludado, com patas e orelhas enormes, e o resto tão ínfimo que pôde seguir viagem com o bicho no bolso do casaco. Ao passar pela cidade de Creede, começou a nevar muito, e a estrada ficou perigosa. Nunca antes havia sido responsável por outrem; agora tinha o carro cheio de cães que o amavam, que na maioria precisavam de adestramento. Para sua surpresa, estava descobrindo que ser amado podia causar tanta ansiedade quanto não ser.

Quando consultou um mapa, percebeu que estava perto da parte do Colorado na qual a família de sua mãe já tivera uma fazenda. O filho caçula não tinha muitas lembranças da mãe. O pai ganhou a guarda total após o divórcio e, não muito depois, a mãe voltou para o Colorado, apenas para morrer em um acidente de trânsito em uma noite chuvosa. Ela havia sido decapitada em uma colisão na rodovia com um caminhão de galinhas. Depois do funeral, o irmão mais velho disse ao mais novo que o motivo de o caixão estar fechado era que nunca haviam encontrado a cabeça. (Ou era porque nunca haviam encontrado o corpo, e o caixão continha apenas a cabeça?) O caçula teve pesadelos por anos.

Era possível que o lugar onde a mãe havia morrido fosse aquela mesma estrada na qual o filho mais jovem agora se encontrava, com a neve caindo de tal maneira que começou a sentir, peculiarmente, como se ele e os cachorros não fossem criaturas vivas, mas apenas bonequinhos em um globo de neve. (Ele já havia sentido aquilo antes? Sim. Não era como todo mundo se sentia? Não seria essa a explicação para o fato de nos encontrarmos presos? Incapazes de fazer mudanças para melhor? Separados de tudo que queremos por uma barreira intransponível?)

O rapaz continuou dirigindo. Mesmo quando alienados de nós mesmos, ainda mantemos os pequenos movimentos mecânicos de uma tarefa imposta (como quando uma mão pega um globo de neve e o sacode).

A neve caía, cobrindo o mundo inteiro. O para-brisa da motocasa ia ficando opaco, brilhando de gelo, então o filho caçula parava o carro e raspava a cobertura congelada, em seguida dirigia mais um pouco até precisar parar e fazer tudo de novo. As roupas dele logo se mostraram inadequadas ao tempo, e todos os cães estavam cansados de ficar presos em suas baias. Eles choramingavam, implorando para serem soltos. O menor dos cachorros, no entanto, ainda dormia tranquilo no bolso do filho mais novo, como se nada de ruim pudesse acontecer. O rapaz interpretou isso como um sinal de que ele também devia confiar na Divina Providência e seguir em frente, embora o combustível estivesse acabando.

Uma hora se passou, e a neve não parava de cair. A luz da gasolina reserva se acendeu, e o caçula começou a se perguntar se, de alguma forma, havia saído da rodovia principal sem perceber. Além do som do rádio e dos limpadores de para-brisa, ele acreditava ouvir vozes baixas, embora fizesse um tempo desde que vira outro carro ou caminhão na estrada. Quando o para-brisa encheu-se de gelo outra vez, ele estacionou e desligou a ignição. Saiu do carro e caiu em um monte de neve tão fundo que chegava acima dos joelhos. A neve rodopiava a seu redor com tanta força que ele sentiu como se um grande monstro o rondasse, o flanco branco e macio se esfregando afetuosamente contra a lateral de seu corpo. *Se ao menos não estivesse tão frio*, pensou ele. *Se ao menos houvesse algum lugar onde eu e meus cachorros pudéssemos nos abrigar.*

*Se ao menos*, ele pensou ouvir uma voz dizer. *Se ao menos, se ao menos...*

— Olá? — chamou o filho mais novo. — Há alguém aí?

O cachorrinho no bolso do casaco pôs a cabeça para fora, bocejando, e, antes que o rapaz entendesse sua intenção, pulou para a neve.

Embora a neve fosse fina, o cãozinho era tão pequeno que ficou sobre a superfície, como uma pena vermelha sobre um casaco branco. O caçula, muito mais pesado, tropeçou, com as mãos estendidas. Caiu de joelhos, e o cachorro saltitou para a frente, fora de alcance, pegando flocos de neve com a boca.

— Não, volte! — disse o filho mais novo. Ao levantar-se, a neve alcançava sua cintura.

O cão começou a correr pela crosta branca. O caçula se pôs a atravessar a neve em seu encaço. O frio o aferroava, e quanto mais se movia, mais a neve penetrava as camadas de roupa, como se ele estivesse nu feito um bebê. Mal podia identificar o pontinho avermelhado que era o filhote à sua frente, e ao virar-se para trás, já não avistava a motocasa. *Cometi um erro terrível*, pensou. Sabia que devia voltar. Com certeza seria capaz de seguir o próprio rastro de volta.

O filho mais novo, porém, não se sentia capaz de abandonar o cãozinho que dormira tão docemente em seu bolso a tarde inteira. Não podia chamá-lo pelo nome, pois ainda não lhe dera nenhum, mas gritou palavras de carinho, tentando fazê-lo voltar.

O caçula pensou ouvir de novo aquelas vozes ao seu redor, na neve, repetindo suas palavras. O filhote não dava atenção nem ao rapaz, nem às vozes, só continuava a saltitar como se soubesse exatamente aonde ia.

Então o filho mais novo acreditou ver para onde o cachorro queria ir. À frente, havia losangos de luz esverdeada, destacando-se como joias dos véus açucarados de neve. Ao se aproximar, viu que eram casarões enormes feitos de vidro, e ao chegar perto o suficiente para atravessar uma porta — também feita de vidro —, o cãozinho se esticou contra ela, batendo as patinhas para que o deixassem entrar, e o rapaz viu que não era uma casa para pessoas, e sim uma estufa.

Ao abrir a porta, uma massa de ar quente e úmido o golpeou, imediatamente se transformando em cristais de gelo em seu cabelo, barba e cílios.

Dentro, para onde quer que se voltasse, havia fileiras e fileiras de *Cannabis*. Mas o mais estranho não era encontrar uma plantação de maconha no meio de uma nevasca. Mais estranhas ainda eram as pessoas cuidando das plantas, que não eram pessoas de jeito nenhum, e sim gatos vestindo jalecos, de pé, sobre as patas traseiras, segurando pranchetas, tesouras de poda e cestos para a colheita.

O filhote começou a latir alto e, com essa interrupção, todos os gatos na estufa se viraram e olharam, pasmos, para o rapaz. Se não fosse pela tempestade lá fora, ele teria saído correndo, mas, em vez disso, desesperado, gritou:

– Por favor! Preciso de sua ajuda!

Ouvindo isso, os gatos largaram suas ferramentas e se aproximaram dele. O filho mais novo pegou o cachorro no colo, sem ter certeza se os gatos eram amigáveis. Não falaram nada, mas um deles gesticulou em direção ao jovem, que disse:

– Abandonei minha motocasa na beira da estrada. O tanque está vazio, e o carro está cheio de cãezinhos que morrerão congelados se eu não levá-los para um lugar seguro. Por favor, podem me ajudar? Preciso ligar para o reboque, mas estou sem sinal aqui.

Um belo gato listrado pôs a pata no quadril do rapaz. Olhou para ele e, em seguida, para a porta. O filho caçula entendeu que era para ele sair, e foi tomado pelo desespero. Mesmo assim, voltou-se, como o gato havia indicado e, pondo o filhotinho outra vez no bolso, atravessou a porta em direção à neve com o gato listrado.

Para seu alívio, o gato não o abandonou para que encontrasse sozinho o caminho de volta, em vez disso indicando uma passagem aberta. Passaram por meia dúzia de estufas, cada uma, o rapaz imaginava, cheia de gatos cuidando de mudas ou de pés de maconha maduros. Ou talvez não fossem gatos, e sim camundongos, doninhas ou morcegos inteligentes. Tudo parecia dentro do possível ali.

Por fim, chegaram a uma casa de fazenda, dentro da qual havia um salão similar a uma caverna, com uma fogueira acesa na lareira de pedra. O gato guiou o filho mais novo por um longo corredor até um quarto no qual a cama já estava pronta para que ele se deitasse. Havia também uma poltrona confortável, com uma mesinha ao lado, na qual havia uma bandeja com sopa, pão, queijo e uma garrafa de vinho. A porta do banheiro estava aberta, e lá dentro via-se uma banheira fumegante.

Ele disse ao gato:

– Mas, meu cães...

O bicho gesticulou como se indicasse que estavam cuidando disso também. Ele pegou a mão do caçula com a pata e examinou-a com cuidado, em busca de queimaduras de gelo. Satisfeito, curvou-se em saudação e saiu do quarto, fechando a porta.

O jovem tirou as roupas molhadas e entrou na banheira. Ficou lá até se sentir aquecido outra vez e, então, ao sair, descobriu que alguém colocara um pijama de flanela e um roupão grosso sobre a cama. Vestiu-se, constatando que as roupas serviam perfeitamente, e então se pôs ao lado da janela, dando pedacinhos de pão ao cãozinho.

Ao olhar para fora, o filho mais novo viu uma estranha procissão atravessando a nevasca. Duas dúzias de gatos, usando cachecóis e toucas de inverno, seguiam em direção à casa. Cada um levava um cachorrinho carinhosamente nos braços. Tão grande foi seu alívio ao ver esse resgate que um profundo cansaço o dominou, e ele relaxou sobre a poltrona, onde adormeceu.

Durante toda a noite, sonhou ouvir vozes na neve outra vez, murmurando afetuosamente. Sonhou que alguém alisava seu rosto, pegava-o no colo e levava-o para a cama. De manhã, ao acordar, o cãozinho estava no travesseiro ao seu lado, lambendo seu rosto. Se não fosse por isso, o conforto da cama era tamanho que ele pensaria ter voltado para casa.

– Que sonho estranho eu tive – disse o caçula para seu cachorro.  
– Gatos que andavam como pessoas, e estufas, e perseguir você na neve.

– Ora, mas não foi um sonho – contestou uma voz feminina, que tossiu baixinho perto de seu ouvido.

Quando o rapaz virou a cabeça, viu que do seu outro lado, ainda mais clara que os lençóis, estava uma bela gata branca com olhos cor de esmeralda.

– Por favor, não tenha medo – disse ela. – De alguma forma, você nos encontrou aqui no meio da nevasca. E não tema pelos seus cachorros. Estão sendo muito bem cuidados.

O caçula sentou-se.

– Que tipo de lugar é este? – perguntou. – E que tipo de gato é você?

– De um tipo bem comum – respondeu a gata, com modéstia.  
– Quais artifícios me permitem falar não são de muito interesse, e nem eu mesma os entendo, de qualquer forma. Basta dizer que eu e meus funcionários vivemos aqui há muitos anos. Levamos a vida como cultivadores de *Cannabis sativa* e *Cannabis indica*, assim como de espécies híbridas que nós

mesmos engendramos. Como você deve saber, a maconha é legalizada no Colorado. Nossa marca, Gata Branca, é conhecida por sua eficácia e intensidade. Você a conhece?

Sem querer parecer mal-educado, o rapaz disse achar o nome familiar. Para falar a verdade, ele era mais um usuário casual, não um grande conhecedor.

— Seria um prazer lhe mostrar o lugar — disse a gata branca — e reuni-lo com seus cães. É muito bom ter a chance de hospedar um amante de animais como você. Recebemos tão poucos visitantes.

Assim, levado por um sentimento de encantamento, além de educação, o jovem deixou que sua anfitriã lhe mostrasse as instalações. O dia estava claro e limpo, com a neve brilhando por todos os lados, mas nem ela era tão branca quanto o pelo da gata.

O filho mais novo visitou seus cães e foi brincar com eles ao ar livre. Experimentou várias misturas e produtos, e quando, depois, teve fome, recebeu tamanho banquete — ovos de codorna escalfados e postos sobre açafrão e pétalas de flores, espetinhos de rins de coelho, cogumelos e tâmaras, peixinhos pequenos com ossos tão macios que ele fez como os gatos e comeu-os inteiros — que quase não conseguia se mover.

A gata branca disse que não poderia deixá-lo ir embora por pelo menos um dia. Dessa forma, ele passou a noite em companhia dos gatos, jogando jogos de tabuleiro e bebendo, enquanto os cães permaneciam deitados e felizes nas lajotas próximas à lareira. De manhã, ao acordar, novamente o cachorrinho vermelho estava deitado de um lado de sua cabeça, a gata branca do outro. Lá fora, nevava.

Nevou naquele dia e por mais três, e a gata branca informou-o de que as estradas estariam bloqueadas. Depois disso, também não dava para deixá-lo partir, pois no fim de semana haveria um festival da colheita. E depois do festival, veio o aniversário de alguém, e uma das estufas foi decorada como uma discoteca, com luzes coloridas, e gatos de todos os tipos vestiram chapéus de festa. Houve corridas de motos de neve e patinação no gelo sobre um lago, e os cachorros do filho caçula estavam tão felizes que ele não suportou a ideia de colocá-los outra vez na motocasa. Semanas se passaram e a primavera chegou, depois do verão, e o rapaz permaneceu lá.

Fazia caminhadas nas colinas com a gata branca, ajudava nas estufas e, à noite, fumava um baseado e escutava os gatos tocarem canções populares em guitarras e banjos. Assim como seus cachorros, ele estava feliz.



Quando criança, o filho caçula fora proibido de ter bichos de estimação. Ratos e camundongos eram pragas. Pássaros traziam má sorte. Gatos eram indiferentes e aproveitadores. Produziam alérgenos causadores de irritação na pele e crises de espirro. Suas fezes transmitiam doenças. O filho mais novo, ao obter e cuidar de cada vez mais cachorrinhos, vinha questionando o desejo de seu pai por um cachorro de companhia. Será que esse pedido representava uma mudança radical? Seu pai, tão controlado e controlador, finalmente queria amar e ser amado? O caçula era apenas cinco anos mais novo que o do meio e seis anos mais novo que o primogênito, mas essa distância sempre lhe pareceu intransponível. Os dois eram próximos de uma maneira que, por amar a ambos, ele invejava. Assim como o pai, eles não precisavam do mais jovem. Diferente deste — e já que tinham um ao outro —, nunca pareceram precisar da aprovação paterna.

No entanto, durante todo o tempo em que permaneceu com a gata branca, o jovem quase não pensou no pai. Era como se houvesse sido afetado por um feitiço de tranquilidade, até que uma manhã acordou e viu a neve cair outra vez, percebendo, chocado, quanto tempo se passara.

— Querida gata branca — disse ele —, me diga, que dia é hoje?

A gata branca respondeu:

— Dia dois de dezembro, creio eu.

— Então já fiquei tempo demais — acrescentou o caçula, em pânico —, pois meu pai me espera em sua casa amanhã de manhã.

— Se é para ser assim — disse a gata branca —, que seja assim. Vou comprar uma passagem para você partir de Denver esta noite.

O rapaz grunhiu e pôs as mãos na cabeça, dizendo:

— Você é a mais bondosa das gatas, mas temo que a situação seja mais complexa do que isso. Devo levar para o meu pai um cachorro, o mais belo e amigável do mundo, e não sei como decidir entre os que tenho.